



RELAÇÕES SUJEITO-TEMPO NOS DIÁRIOS *ONLINE*: O “ARMAZENAMENTO DE AGORAS”

Ms. Gustavo D. Fischer

UNISINOS

As discussões em torno dos conceitos de tempo são simultaneamente complexas e estimulantes dentro do cenário dos processos comunicacionais contemporâneos. Se levarmos esta premissa para o ambiente comunicacional da Internet, nos defrontamos com uma quantidade crescente de produções pessoais que oferecem possibilidade de compreendermos as relações que os sujeitos estabelecem com sua temporalidade e como a ofertam para o *outro* (leitor). No presente caso, desejamos trazer uma determinada característica encontrada em diversos diários *online* – produções pessoais formadas por registros cotidianos em forma de páginas *web* – o chamado “armazenamento de agoras” (Fischer, 2002)¹, no qual estão disponíveis as diversas entradas (registros textuais) do sujeitos-diaristas, em uma espécie de listagem de uma série de “tempos presentes” destes autores. Entretanto, antes de avançarmos para a observação deste fenômeno, faz-se necessário adquirirmos algumas lentes de observação sobre a dimensão temporal no campo da comunicação.

Os embates do tempo nos processos comunicacionais

Lucien Sfez (1994), ao desenvolver suas apreciações a respeito da concepção “Bola de Bilhar”¹, destaca que toda operação de comunicação seria analisada em *momentos* distintos. Estes momentos, portanto, acabam colocando emissor e receptor como unidades isoladas no processo. Construindo uma certa oposição, é na concepção de “Criatura” de Bateson, que Sfez enxerga como “a metáfora do organismo”, que o tempo já não se encontra dividido entre começo e fim no processo comunicacional. Ele voltaria-se sobre si mesmo, deixando de haver um desenvolvimento linear. O tempo, observado dentro de uma relação que já não afasta causas e efeitos, é então visto como circular.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

De certa forma, compreender a comunicação enquanto “organismo” é um passo interessante, representando um enriquecimento para os estudos posteriores na área. Tomando como referência as colocações de Martin-Barbero, por exemplo, na busca da construção do campo comunicacional, já podemos inserir a questão do tempo enquanto mediação. Ao perceber o abismo entre a teoria da informação e os processos sociais incluídos na comunicação, Barbero (1988) pede uma especificidade do campo que permita articular as práticas de comunicação e os diversos movimentos sociais. O autor destaca que os processos comunicacionais podem ser estudados também a partir das mediações e não somente dos meios. Ou seja, das articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, o que necessariamente implica em detectar diferentes temporalidades dentro da pluralidade de matrizes culturais. Martin-Barbero percebe estas mediações ao pensar o popular a partir do massivo.¹ Uma das problematizações do autor é entender como o tempo surge enquanto mediação ao questionar a memória em relação com a narração popular, onde esta é percebida como fomentadora de construção identitária das comunidades. Barbero procura afastar a possibilidade de que uma memória eletrônica, representativa de um tempo presente/futuro-moderno, possa subjugar uma memória cultural, baseada em experiências dos povos e que não pode apenas ser encarada como algo nostálgico. O tempo nesta perspectiva, abre suas portas para questões concernentes às identidades na contemporaneidade, a partir da verificação da complexidade das relações estabelecidas a partir do momento em que o massivo é interpelado pelo popular. A partir do momento em que diferentes constituições temporais se percebem, é importante chamar David Harvey (1992) e sua discussão a respeito da experiência do espaço e do tempo.

No seu trabalho, Harvey deixa claro que embora ainda exista a tendência de pensarmos os diversos conceitos sobre o tempo como questões de diferentes percepções ou interpretações em relação ao que deveria ser a “inelutável flecha de movimento do tempo” (p.188), ele contesta esta noção a partir do momento em que identifica o como uma construção histórica. Para o autor, cada momento distinto de produção ou formação social incorpora um conjunto de práticas e conceitos sobre espaço e tempo. Enxergamos, inclusive, um diálogo mais explícito com as noções de Barbero, quando Harvey defende que “as ordenações do espaço e do tempo fornecem uma estrutura mediante para a qual aprendemos

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

quem ou o que somos na sociedade”(p. 198). Para explicar esta complexificada “mediação” do tempo e pensar o sentido dos “tempos” na vida social, Harvey apresenta uma tipologia dos tempos sociais de Gurvitch. Assim, nesta relação, fica claro que cada relação social contém seu próprio sentido de tempo.

Num primeiro olhar, se entendemos que cada relação social possui uma noção singular de tempo, poderíamos considerar que, se estas relações estão em convívio “simultâneo”, temos uma “convivência” destes diferentes conceitos. Ou seja, não há, por exemplo, uma linearidade de um tempo permanente, ligado às formações sociais rurais, que nos leva até um tempo explosivo, ligado a revoluções. O sentido de tempo, nessa concepção, não é tão “evolucionista” quanto “polifônico”, por mais tentador que seja inferirmos o contrário. Ainda assim, dentre as tipologias de Gurvitch, podemos ensaiar no tipo “Tempo à frente de si mesmo (acelerado)” como aquele que parece transparecer com mais força na sociedade midiaticizada¹. Harvey mesmo identifica este tipo de tempo estabelecido a partir dos anos 70, de certa forma coincidindo com o crescimento dos processos midiáticos dentro das estruturas sociais. A forma do “tempo à frente de si mesmo” estaria atrelada à uma forma descontínua onde o futuro se torna presente, num contexto de capitalismo competitivo e especulador.

Esta descrição é bastante eficaz para introduzir as noções de Bill Gates que ganharam força nos mercados capitalistas mais fortes, justamente por suas conceitualizações refletirem a idéia de um futuro presentificado, o avanço que chegou, a tecnologia enquanto redentora. Ao pregar a chegada de uma “estrada” que escoará todas as relações entre produtores e consumidores, Gates procura, intencionalmente ou não, construir um conceito de tempo acelerado pelo consumo, ditado pelas relações velozes que as novas tecnologias imporiam. O conflito de Gates se estabelece se tomarmos as tipologias citadas por Harvey e também as próprias observações de Barbero a respeito do massivo retrabalhado pelo popular na cultura de massa, na medida em que o autor acaba ambientando sua “estrada” numa concepção hipodérmico-informacional dos processos comunicacionais. Por conseguinte, seu tempo à frente de si mesmo carrega, ainda que disfarçado sob diversas hipóteses a respeito da força do consumidor, muito do isolamento entre produção e recepção. O avançar-transmissivo de Gates quando afirma que “Com freqüência, as únicas pessoas envolvidas numa transação

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



serão o comprador e o vendedor” (p. 200) acaba escolhendo uma unicidade de tempo e uma visão unilateral de sociedade, descartando os outros “locais” que estão enfrentando as questões propostas pelas novas tecnologias no espaço comunicacional. Embora criticável na sua abordagem da presentificação do tempo futuro, podemos reconduzir esta problemática a partir das percepções de Octavio Ianni (1995).

Ianni irá citar Octavio Paz para afirmar que “a ação do mercado tem um efeito igualmente corrosivo no outro eixo da tradição poética: o temporal.” Com isso, Ianni acredita que as técnicas eletrônicas passam a levar uma noção insólita e idílica de aldeia global, lugar de um *agora*, no qual todas as articulações, tensões e fragmentações do mundo fossem seguidamente descritas e interpretadas, fotografadas, divulgadas “por uma coletividade de intelectuais especializados em traduzir fatos, acontecimentos, façanhas, crises, impasses, realizações, revoluções e guerras”(p. 103). Desta forma, tudo tornaria-se um “presente presentificado”, os fatos perderiam sua historicidade ou memória. Então, retomamos Octavio Paz a partir de Ianni, para concluir que “a perda de um passado provoca fatalmente a perda de um futuro (p. 99)”.

O(s) tempo(s) revisitado(s) nos “armazenamentos”

Agora, retomemos nossas observações sobre o “armazenamento de agoras” nas páginas pessoais com diários *online*. É importante reforçar que este *armazenamento* trata-se da disponibilização de um espaço que permite ao leitor consultar entradas por outra instância que não pela visualização das mesmas no espaço do diário *online*. Estruturalmente, o acesso inicial aos diários destes autores remete-nos à última ou mais recentes entradas que o autor realiza. O percurso proposto pelo autor-diarista é de travarmos o primeiro contato com seu mais recente registro ou entrada. A possibilidade de tomar contato outras entradas que não somente as mais recentes, sugere que podemos não apenas *saber o que se passa* com o autor no tempo presente, mas também acessar os outros *tempos presentes* registrados pelos mesmos: é o que denomino aqui de um *armazenamento de “agoras”*, uma espécie de disponibilização indexada das entradas dos autores em seus diários *online*.

Geralmente, o *armazenamento de agora*s apresenta-se disponibilizado através de *links* situados dentro do espaço do diário *online* na página pessoal do autor. No caso de alguns diaristas *online*, os *tempos presentes anteriores* encontram-se condicionados em duas formas básicas:

- a) a página com a entrada mais atual é disponibilizada e, ao final da mesma (numa leitura que vai do mais recente para o menos recente) é possível encontrar um *link* que remete para um número de entradas anteriores às que estão apresentadas naquela página.
- b) Outro *link* encontrado na página é o que leva a um calendário. Este pode estar dividido por anos (2000,2001,2002, por exemplo) e em cada ano observamos um calendário com *links* nos dias em que houve entradas feitas pelo autor.

Nestes casos parece haver um convívio entre uma representação de tempo convencional (representada pelo calendário), historicamente construído e fortemente alicerçado na idéia de fluxo contínuo do tempo com as potencialidades de leitura e descobrimento do sujeito que ali se conta através de caminhos próprios estabelecidos por um leitor, que pode ou não aceitar o caminho previamente *arranjado* pelo calendário.

A questão ganha mais possibilidades quando analisamos uma autora que apresenta seu *armazenamento* em diferentes instâncias no seu diário *online*, como Daniela. Além do o calendário situado na página inicial que *acumula* os registros do mês corrente, encontramos uma sessão em sua página na qual temos acesso a um *armazenamento* dividido mês a mês, formado por um pequeno resumo por escrito do que se passou naquele período e *links* para os dias em que ela escreveu em seu diário *online*. Vejamos o exemplo:

“Setembro 2001: o mês da auto-destruição, pílulas para comer, sentindo dor, sutiãs de verdade, sendo odiosa, alegria desprezioso, terrorismo à solta, perdendo mais peso, preocupações com meu pequeno ‘marine’, se engatando com james, atlantic city, volta do cara do alarme, drama”

A página de Daniela também possui um *mecanismo de procura*: no espaço destinado ao seu diário *online* na página pessoal de Daniela, encontramos a opção “search” (“procura”) na qual pode-se digitar uma ou mais palavras para localizarmos todas as entradas em que esta(s) foi usada por Daniela em seu diário *online*. Nesta possibilidade, é o leitor que gera um armazenamento de acordo com a solicitação feita.

De todos os autores analisados, Daniela é a única que apresenta em sua página o mecanismo de procura e o resumo mês a mês com comentários como possibilidades de disponibilização de tempos presentes anteriores. Possibilidades que potencializam dois aspectos interessantes: novas mediações (intrínsecas ao espaço da página pessoal) entre o contar-se da autora e seus leitores e uma reflexão sobre a *presença na web* de Daniela.

O resumo mês a mês com comentários, ou ainda, um rol de pequenos indícios sobre acontecimentos referentes àquele período (“terrorismo à solta, perdendo mais peso”) estabelece um indicativo prévio ao leitor sobre quais os assuntos referidos no armazenamento daquele mês. Há também uma decisão editorial nesta prática: Daniela realizou escolhas sobre quais tópicos destacaria no seu *resumo do mês*. Fragmentado na sua construção, o resumo também transparece uma Daniela que lança pistas sobre pessoas e assuntos que não se resolvem naquele espaço de tempo ou texto: quem é o “pequeno marine”, porque ela sente dor, quem é “James” são perguntas que um recorte na apresentação do armazenamento do mês de setembro de 2001 não pode responder completamente. Caberá ao leitor construir os arredores destes fragmentos, movimentando-se para “frente” e para “trás” nos resumos e entradas que eles disponibilizam. Outra estratégia remete ao mecanismo de busca para obtermos outras informações sobre os pedaços que resumem este mês de Daniela em 2001. As estratégias de Daniela no seu diarismo *online* parecem remeter a uma história de vida “episódica”: de certa forma, “Setembro de 2001” torna-se um capítulo participante de um todo, que recortado indica-nos que há mais para ser visto nos tempos que vieram depois daquele e que o precederam. Seu detalhado armazenamento é como um guia e seu mecanismo de busca torna-se uma espécie de gerador de um guia alternativo. Se examinarmos as entradas de outros diaristas *online* também encontraremos várias situações que necessitariam de uma leitura em vai-e-vem para a elucidação de uma temática ou situação.



Ao explorar as diferentes disponibilidades e organizações no seu contar-se na rede, mostra como reforça *sua presença na web*, detalhando-a, apresentando percursos variados para conhecermos esta presença, seu eu elaborado naquele espaço. Sua identidade de diarista *online* é protagonista de sua *presença na web*, porém não apenas por disponibilizar seu diário em primeiro lugar na página pessoal como também por tornar seus *tempos presentes anteriores* um recurso para *recontar-se* na rede – através de seus resumos – ou ser *recontada* pelo leitor que pode valer-se, por exemplo, do mecanismo de busca.

Analisando a sistematização dos *armazenamentos* de entradas dos outros diaristas *online* aqui pesquisados, também surge uma característica *episódica* na medida em alguns destes autores optam pela designação de um título para cada dia registrado no diário *online*. Além disso, estes autores também criam diferentes nomeações para os seus armazenamentos. Melanie, por exemplo, disponibiliza seus arquivamentos dentro de “words”(palavras) onde acessamos sua entrada mais recente. Através de ícones que emulam comandos de velocidade de um videocassete, temos a possibilidade de executar um movimento de progresso e retrocesso pelos seus registros, além de obter uma listagem de onde transparece o *armazenamento* através da indicação da data, horário e título de todas as entradas realizadas por ela. No caso de Melanie, estão armazenadas somente as entradas que correspondem à sua “fase nova” representada pela retomada da prática de um diário *online* e fomentada pelas mudanças de sua vida extra-presença na *web*. No caso de Melanie, temos duas questões interessantes que dizem respeito à (re)construção identitária que a prática do diarismo *online* parece estabelecer com estes sujeitos: a relação com a temporalidade e as escolhas *editoriais* sobre a própria representação que o autor-diarista exerce nos armazenamentos.

Para pensarmos a primeira questão, devemos retomar o diário *online* de Daniela, além dos resumos mês a mês, no qual temos a possibilidade de estabelecer um percurso de progresso e retrocesso no *tempo* quando podemos optar ao final de uma entrada em ir para “ontem” ou “amanhã”. Para Melanie, esta mesma situação é representada pelos ícones de movimentação apropriados de aparelhos eletrônicos assim como na página pessoal de Cris, ao final de uma entrada de seu diário *online* temos as efetivas palavras que advogam esta mesma origem: “rewind” (retroceder), “forward” (avançar), além de “search”(procurar) que neste

caso cumpre o papel de levar à listagem que igualmente disponibiliza títulos para cada dia registrado. Rachel, por sua vez, designa a frase “go back in time” (volte no tempo) para acessarmos as entradas anteriores às que aparecem no seu diário *online* (protagonista da página), além do *link* “past”(passado) para acessarmos uma listagem constituída de dia e título da entrada. Lindsey, coloca “the lost entries” (as entradas perdidas) e remete a entradas suas datadas apenas de 1999. Tom é mais direto e afirma “read previous entries” (leia entradas prévias) onde igualmente encontramos uma listagem armazenando o binômio data-título.

Estas estratégias de indicação dos *presentes arquivados* salientam que estes autores não apenas criam seu tempo de vida através da inserção cotidiana de suas reflexões num diário *online*, mas também no momento em que *organizam* estes tempos com proposições de movimentação para um leitor, esteja em que ponto do tempo (representado por uma entrada) em que ele estiver. Porém, esta movimentação está sempre se dando *entre tempos presentes*, cada entrada é um recorte de uma atualidade daquele autor. O “passado” ou “futuro” é construído pela articulação entre as indicações dos autores, (“volte no tempo”, “retroceder”, “avançar”) e pelos percursos que os leitores tomam. Mais do que isso, também está em jogo uma percepção de tempo por parte dos autores que é constituinte do seu contar-se e de sua elaboração identitária na rede. Um tempo recortado em *presentes*, publicizado e onde desaparecem concepções convencionais nas quais um *passado* seria voltado para memórias mais distantes e um *futuro* remeteria a projetos e conquistas a serem alcançados no chamado “longo prazo”. Percorre-se nestes diários *online* uma série de *presentes* anteriores e posteriores como se avança ou se retrocede em uma fita de vídeo ou as faixas de cd de música.

Ainda assim, é importante ressaltar que esta característica presente nas páginas pessoais com diários *online* remete a pensarmos em autores socialmente inseridos em aprendizagens do tempo socialmente constituído de fluxo único, mas que se apropriam do ambiente da *web* e produzem “materializações” do seu tempo de vida, construindo estratégias de dar-se a conhecer neste fluxo de acontecimentos, tornando-o episódico, editado, nomeado e acelerado para o passado, ainda que constituído por “agoras”. A simulação de aparatos técnicos para chamar a atenção do leitor para o movimento entre “presentes” parece indicar



que os aparatos técnicos tornam-se também mediações de aprendizado dos sujeitos com respeito à noção de tempo.

Somado a isso está uma segunda questão despertada pela análise das estratégias de armazenamentos, representada pelas escolhas que estes diaristas *online* fizeram sobre *o que* arquivar de seus registros cotidianos. Melanie, por exemplo, apenas armazena as entradas pertencentes ao seu diário *online* criado a partir do momento em que decidiu *restabelecer* sua presença na *web*. Lindsey, apenas apresenta as “entradas perdidas” de 1999 e o leitor já não tem acesso ao período que esteve entre seus registros atuais e o ano armazenado de 1999. Rachel, de Joyfulgirl, também condiciona na sessão “past”(passado), registros mais recentes (com data e título) a partir de dezembro de 2001, enquanto o *link* “volte no tempo” remete às entradas completas (texto por extenso) anteriores àquelas que visualizamos na página.

Rachel, Melanie e Lindsey, ao estabelecerem limites para seus “agoras armazenados” também *editam* o seu contar-se e, fundamentalmente, exercem escolhas para sua representação na *web*. A prática diarística *online*, portanto, constrói um sujeito que articula-se com sua *presença na web* enquanto produto comunicacional, não por esta presença ser um espaço para um depósito do *self*, aberto e irrestritamente disponibilizado, mas pelas possibilidades de exercer um *posicionamento de sujeito* (Kellner, 2001) também através de como media o conceito de tempo no seu espaço da rede. No caso dos armazenamentos proporcionados pelos autores, está em jogo ao mesmo tempo uma construção de pertença destes sujeitos com suas temporalidades e a qualificação que esta relação representa para os modos como os diaristas *online* aqui estudados desejam ser lidos/percebidos, uma ambientação que flerta com uma polifonia de caminhos para o leitor construir o sujeito, mas fortemente amparada na construção ocidental e técnica de fluxo do tempo. As estratégias dos diaristas *online* no “armazenamento de agora” parecem, modestamente, testemunhar o embate das leituras sobre o tempo nos processos comunicacionais, no qual a estrada de Gates que tudo levaria para “frente” é povoada de desvios promovidos pelas relações pormenorizadas e os caminhos possíveis negociados entre autores-diaristas *online* e potenciais leitores.



Para efeito de conclusão, reforçamos a necessidade de problematizarmos as visões e conceitualizações em torno da variável *tempo*, como fundamentais para escaparmos de uma lógica positivista de estudo dos processos comunicacionais. Memória, historicidade, dialogia entre outras percepções a respeito da articulação do tempo no ambiente comunicacional da internet são essenciais para promover a compreensão das manifestações dos sujeitos que tensionam e repercutem condições socioculturais sobre o tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, GUSTAVO DAUDT. Diários on-line e estratégias identitárias: o contar-se de sujeitos no ambiente comunicacional da internet. Dissertação de mestrado. UNISINOS, 2002.

GARCIA, NÉSTOR. Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local.

La Plata, Argentina: Universidad de La Plata, 1997.

_____. Consumidores e Cidadãos/ Conflitos multiculturais na globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

GATES, BILL. A estrada do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARVEY, DAVID. A condição pós-moderna. São Paulo, Loyola, 1992.

IANNI, OCTAVIO. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. São Paulo. Bauru, São Paulo. Edusc, 2001.

MARTIN-BARBERO, JESUS. Procesos de Comunicación y Matrices de Cultura: itinerario para salir de la razón dualista. México. Gustavo Gili, 1988.

SFEZ, LUCIEN. Crítica da Comunicação. São Paulo: Loyola, 1994.

Diários online mencionados

<http://imbroglio.net/obscurity>

<http://Joyfulgirl.org>

<http://www.souldanse.com/>

<http://www.grassfire.nu>

<http://www.alt164.com>

<http://www.just-an-illusion.com/~crs/index2.html>

<http://www.Bittersweetheart.org>



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003
